REVISTA DE HUMANIDADES, TECNOLOGIA E CULTURA
Faculdade de Tecnologia de Bauru. **ISSN 2238-3948.**
Ano 10. Volume 10. Número 1. Abril/2021.

A AUSÊNCIA DA MATERIALIDADE NAS RELAÇÕES HUMANAS, À LUZ DO FILME ELA (HER)

The absence of Materiality in Human Relations in the light of the film Ela (Her)

Maria da Conceição Santos[1]

RESUMO: a partir do diálogo entre as teorias do dispositivo de Agamben e algumas acepções freudiana, bem como algumas outras teorias, o presente texto busca trazer considerações sobre um aspecto bastante perturbador da humanidade que diz respeito ao fato de o sujeito hoje perdeu, ao que parece, a capacidade de se relacionar com o outro. No filme Her, por exemplo, vemos Theodore preso a uma construção imagética e idealizada de amor que reverbera não a alteridade, mas que se configura na dinâmica do virtual, da relação sem toque, sem cheiro, sem gosto. Relação sem profundidade que faz e se desfaz em cliques. Posto isso, as discussões aqui elencadas, procuram também promover um entrecruzamento entre homem e máquina, cujas fronteiras se confundem, uma vez que amar, em certa medida, deixa de ser uma capacidade essencialmente humana.

Palavras-chave: Alteridade; Corpo; Virtual; Dispositivo; Amor

ABSTRACT: Based on the dialogue between the theories of the Agamben device and some Freudian meanings, as well as some other theories, the present text seeks to bring up considerations about a very disturbing aspect of humanity that concerns the fact that the subject today lost, to which it seems, the ability to relate to the other. In the film Her, for example, we see Theodore trapped in an imagined and idealized construction of love that reverberates not alterity, but that is configured in the dynamics of the virtual, of the relationship without touch, without smell, without taste. Relationship without depth that makes and falls apart in clicks. That said, the discussions listed here also seek to promote a cross between man and machine, whose borders are blurred, since loving, to a certain extent, is no longer an essentially human capacity.

Keywords: Alterity; Body; Virtual; Device; Love.

[1] Graduada em Letras Vernáculas (AGES/ BA); Mestranda em Letras pela Universidade Federal de Sergipe (UFS); Professora da Educação Básica (Regime Temporário). E-mail: renatafraga.10@outlookcom

INTRODUÇÃO

Ela (Her - 2013) é um filme de ficção científica do estadunidense de Spike Jonze que vem descrever a história de um escritor solitário (Theodore) que acaba de comprar um novo sistema operacional para seu computador (Samantha). Para sua surpresa, Theodore acaba se apaixonando pela voz desse programa, dando início a uma relação amorosa fundamentada na não-materialidade e ausência de um corpo.

Apesar de discutir de diferentes formas as relações humanas, o tema principal do filme protagonizado por Joaquim Phoenix, é a solidão. A solidão do personagem é motivada pelo término do seu casamento. Logo, é perceptível o quão machucado e magoado Theodore ficou. A composição das cenas em que o personagem aparece, representa essa ideia. Theodore é sempre focado só, ainda que exista pessoas próximas a ele. Outro detalhe interessante diz respeito ao fato de o personagem está sempre caminhando para uma direção oposta das demais pessoas ao seu redor, o que reforça a tese da qual aqui falamos, Theodore se encontra perdido e deslocado em seu próprio mundo. Por outro lado, temos a impressão que ele quer pertencer e se sentir inserido naquele universo, porém o mundo, de alguma forma, o rejeita.

O filme reverbera questões bastante contraditórias do nosso tempo, por um lado temos uma sociedade altamente desenvolvida e autossuficiente capaz de atender e responder diferentes demandas impostas. Por outro lado, essa mesma sociedade que, cria e recria o mundo a sua volta, se tornou frágil e fria em termos de relações humanas. Relacionar-se com uma máquina ou com a imagem que criamos dela, é a fuga da realidade mais apreciada pelas sociedades modernas. Sociedade essa que foge do outro, foge de relações mais profundas, mas que reclama da solidão. Sociedade essa que se perde nos excessos de liberdade, e se tornam algozes de se mesmos. Posto isso, Her evidencia a imagem metafórica de um sujeito e de um mundo entristecido, esvaziado, melancólico e absolutamente à deriva de seus sentimentos, uma vez que a realidade virtual acaba se tornando uma espécie de arquitetura que nos aprisiona em nossa própria solidão, pois acabamos sendo convencidos pelos dispositivos impostos, parafraseando Agamben (2009: p. 35), que basta viver virtualmente que seremos felizes ou completos.

Nesse sentido, importa dizer que as interações via dispositivos eletrônicos ou de redes sociais têm se tornado cada vez mais intensas a ponto de as relações presenciais serem colocadas em um plano secundário. Nessa dinâmica, Her nos convida a pensar sobre questões bastantes inquietantes, mas que se fazem em nosso tempo. Tempo esse de natureza líquida e fugaz. Nessa perspectiva, o amor, entendido enquanto emoções básicas e primitivas do ser humano, mudou ou se transformou à medida que os meios tecnológicos avançaram? As nossas experiências vividas com esse nível de aceleração impostas pela globalização, de trocas virtuais, influenciam no surgimento ou na transformação dos nossos sentimentos ou essas emoções são, de alguma maneira, algo permanente?

Para pensarmos sobre as questões elucidadas em Her, nos apropriaremos de alguns conceitos de Sigmund Freud (1996: p. 56) que, em 1930, fez a primeira publicação de Mal-Estar na sociedade, texto que nos convida a pensar sobre o que é ser feliz. De forma concomitante, nos apropriaremos também da ideia de Dispositivo postulada em Agamben (2009), a fim de pensarmos sobre a influência que a máquina exerce ou pode exercer na vida humana a ponto de, em certa medida, ser capaz de

substituir o outro, tal como ocorre em Samantha que conseguiu fazer com que Theodore preferisse está com ela a ter que estar com uma mulher corporificada. Nos apropriaremos ainda do trabalho de Henrique Codato (2016: p.43), O corpo e a voz no cinema contemporâneo, em que o autor também se propôs fazer uma análise do filme Ela (Her) à luz do que aqui também propomos, assim discute-se sobre a ideia da voz e a ausência do corpo no cinema. Pensaremos também nas perspectivas do homem, da máquina e da solidão, em que Fioruci (2019: p.30) em seu texto, vem discorrer sobre a confusão de fronteiras que há nessa dialética entre homem e máquina. De forma similar a Fioruci (2019), destaca-se ainda as assertivas sobre o pós-humano e pós-biológico de Lúcia Santaella (2003: p. 191), em que a autora se propõe discutir sobre a existência de uma realidade paralela entre a máquina e o corpo humano. Por fim, usaremos conceitos de Zygmund Bauman (2001: p.34) em que o autor vem discutir sobre a fragilidade das relações humanas hoje. Desse modo, ambos autores, se aproximam em suas discussões, do objeto de análise deste trabalho que consiste em fazer considerações sobre a dialética existente entre máquina e homem no sentido de pensarmos o que é ser humano hoje em meio as reverberações tecnológicas.

AUSÊNCIA DE MATERIALIDADE: VOZ SEM CORPO

Umas das questões relevantes que podemos pontuar a partir do filme é a perda da corporalidade, perda esta que faz com que o personagem Theodore acabe se voltando para si mesmo, fazendo o movimento inverso do amor, ao invés de "mergulhar" no outro, ele acaba mergulhando nele mesmo, com esse olhar para o interior e, por conseguinte, acaba induzindo Samantha a responder suas necessidades por meio dos estímulos que estão sendo liberados e ela que reage positivamente a esses estímulos. Entretanto, sem a materialidade, é criada uma espécie de ilusão no sentido de pensarmos que o software é uma espécie de alma gêmea digital do protagonista, sendo assim Her não poderia ser máquina, mas sim uma possível consciência. Samantha ganha vida e é a namorada ideal até Theodore descobrir que ela possui 641 outros amantes/usuários por quem Ela também é apaixonada.

Por outro lado, em Her, a tentativa de dar corpo, de liberar e concretizar o desejo é frustrada quando Theodore confirma que Samantha não pode ser substituída, pois foi grande o estranhamento sentido por ele na frustrada experiência sexual organizada e conduzida por Samantha ao "encarnar" no corpo de Isabella, uma acompanhante profissional. Esse estranhamento é provocado pela incompatibilidade entre o objeto idealizado (esse corpo restituído idealmente, do qual nada sabemos, pois é fruto da imaginação do personagem) e a realidade (o corpo de Isabella). Isso mostra uma quebra do horizonte de expectativas tanto para Theodore – que parece não conseguir entrar no jogo erótico arquitetado por Samantha, uma vez que o corpo (real) de Isabella não corresponde ao corpo (imaginário) de Samantha ("Isso é estranho. Eu não a conheço", diz ele).

Reverberando com essa análise da ausência de uma materialidade corporal em que a voz passa a ser a identidade sem pessoa, pensamos sobre Agambem (2009) e suas discussões sobre Dispositivo. Para o autor, o mundo projetado pelas diversas formas de dispositivo, faz com que o sujeito, influenciado por essas projeções, enxergue uma única possibilidade de interpretação. Aquele que adere, sem atritos ou questionamentos, ao seu próprio tempo, em perfeita harmonia, está sofrendo a

influência desses dispositivos, pois somente podemos compreender e problematizar a realidade, não se adequando a ela. Precisamos está externo, mas não alheios.
Nesse sentido, Agamben (2009, p. 28) infere que

> (...) Disse que o dispositivo tem natureza essencialmente estratégica, que se trata, como consequência, de uma certa manipulação de relações de força, de uma intervenção racional e combinada das relações de força, seja para orientá-las em certa direção, seja para bloqueá-las ou para fixa-las e utilizá-las. O dispositivo está sempre inscrito num jogo de poder. A profanação é a saída possível.

No caso de Her, essa projeção enquanto influência dispositiva, se deu pelo desdobramento virtual em que Theodore foi 'seduzido' a pensar e tomar como sua verdade a ideia de que Samantha estaria para além das capacidades operacionais de uma máquina, ela poderia amar. Ela era a outra, a sua outra versão. Um possível preenchimento para a sua incompletude. Entretanto, a partir do momento que Theodore, passado seu estado de êxtase, se dá conta que Samantha não é Isabella e, esse fato lhe causa desconforto, estamos aqui diante do mecanismo de profanação ao qual Agamben discute. A profanação em Her seria essa possibilidade de subversão em que Theodore desconstruiu a imagem de mulher em Samantha, cuja influência do dispositivo virtual o fez acreditar. Enquanto o dispositivo operacional insistia em fazer Theodore acreditar que seria possível manter o amor nas condições virtuais, Theodore, diante da experiência frustrada, percebeu que não. A relação humana, para ele, precisaria do toque, do cheiro, do gosto. Samantha continuaria sendo uma voz, apenas, enquanto que Isabella um corpo físico. No entanto, era duas realidades intransponíveis, uma descontinuidade entre mundo, voz e corpo. É como se Theodore tivesse acordado para uma realidade até então não vista, pois ele se encontrava extasiado diante da 'manipulação' virtual a qual foi imposta. Diegeticamente Samantha passa a ser lida por Theodore como sendo uma máquina, um sistema operacional. Uma voz incapaz e impossibilitada ao toque, ao cheiro, ao gosto.

Mas, no caso do filme, de que corpo, exatamente, emana a voz de Samantha? Como vimos, Samantha parece não estar ligada ao tempo e ao espaço, como ela mesma lembra a Theodore durante o piquenique com um casal de amigos. É ainda dotada de um senso de humor apurado (conseguindo arrancar de Theodore sorrisos e gargalhadas, conforme vemos em inúmeras passagens). Dona de uma surpreendente memória, como era de se esperar em se tratando de um sistema operacional inteligente (lê livros e decodifica informações em fração de segundos). Possui uma aguçadíssima intuição (o que lhe permite dar conselhos e sugestões sobre a vida sentimental e profissional de Theodore). Samantha tem ainda um DNA (baseado na personalidade de Theodore), o que nos convida a pensar que ela seria uma outra versão do personagem, uma espécie de continuidade de Theodore. Para além de todas essas possibilidades de ser, Samantha ainda atua dentro do movimento do vir a ser, pois como vemos em muitos momentos do filme, ela é capaz de evoluir com suas experiências, sendo orientada e conduzida pelos desejos de Theodore.
Nesse seguimento, mesmo diante de todas as possibilidades de ser e vir a ser que Samantha dispõe, falta-lhe um corpo que, em certa medida, seria o coroamento de toda a sua existência. Com efeito – e para todos os efeitos – Samantha é apenas uma voz

feminina e sensual que ecoa ou até mesmo sua voz, é de algum modo, a representação simbólica do próprio corpo e não mais um grito de presença, mas a própria presença. Assim, Gas (2014 apud CODATO, 2016, p. 116) assinala que

> Spike Jonze conseguiu o impensável: concretizar um fantasma do espectador como cinéfilo, ao livrar a atriz de seu envelope corpóreo (a imagem desejada encobre a imagem real), retirando dela apenas fachos das suas expressões corporais (timbre vocal, respiração, gemidos, entonação etc) e aproximando-as ao máximo de nós.

Na narrativa cinematográfica de Jonze, a voz é uma estratégia gerenciadora de sentido. De um lado temos a voz de Samantha que treme, sussurra, chora, ri e goza. Por outro, temos a voz de Theodore que fala de seus sentimentos e confidencia segredos, por exemplo.

Ademais, a relação amorosa que se dá com a ausência do corpo, como vemos em Her, é na verdade uma metáfora sobre a falta de materialidade das relações na civilização pós-moderna em que o contato corpo a corpo foi em boa parte substituído por essa interação virtual. O corpo, por sua vez, é feito de sentidos – tato, olfato e paladar – sentidos estes que ainda são insubstituíveis em uma relação não presencial. Essa supressão do sentido frustra o desejo, fazendo com que as relações humanas fundamentadas no virtual não amadureçam no sentido de consistência e durabilidade.

A CONDIÇÃO TÊNUE DAS RELAÇÕES HUMANAS NA CONTEMPORANEIDADE

Samantha, é sem dúvida, uma continuidade das relações humanas, visto que na nossa sociedade o outro se tornou abstrato à medida que as relações se tornaram virtuais. Em certa medida, a gente tende a se sentir cada vez mais confortável com esse tipo de contato que é protegido por uma medição higiênica das máquinas. Por uma distância que permite, a qualquer sinal de frustração, bloquear ou excluir. Nessa seara, existe aqui o paradoxo de uma comunicação fácil e rápida, mas que esconde e camufla uma dificuldade de comunicação significativa corpo a corpo, face a face.

Essas reflexões sobre as relações frágeis que Her nos propõe pensar, em certa medida, as discussões propostas por Freud (1996: p.56) que afirma ser o amor umas das formas de sermos, à nossa maneira, felizes e nos sentirmos autorrealizados. O amor, por sua vez, pode restaurar alguma felicidade, mas ele também é perigoso, pois não temos nenhuma certeza da sua durabilidade. Posto isso, a reflexão de Freud (1996), debruça-se na tese de que a civilização moderna sofre de um Mal-Estar provocado pela falta de liberdade e, em certa medida, o excesso dela. Na perspectiva freudiana, o homem não se sente livre e é repreendido pela sociedade, uma vez que o avanço da ciência e da tecnologia fez com que o sujeito se tornasse "escravo" da sua própria civilização, tendo que se adaptar às novas mudanças e aprender a renunciar aos seus desejos e prazeres. Assim, ele sofre ao ter que controlar seus impulsos e desejos, bem como ao ter que se adequar a conjuntura fugaz e efêmera da civilização da qual faz parte.

Trazendo a abordagem freudiana para a sociedade hoje, é importante destacar que, em certa medida, desenvolvemos uma espécie de fobia do presencial, uma vez que não temos a possibilidade de "fechar, cancelar, bloquear ou desligar" Muitas pessoas até evitam atender ligações, ouvir a voz do outro, optam por receber ou enviar

mensagens, pois respondem quando quiserem ou se caso quiserem. Chegamos a uma Mal-Estar social tão intenso que evitamos o outro. Como o próprio filme mostrou, até mesmo o sexo pode ser feito virtualmente, por meio de áudios e textos, entretanto sem o contato, sem o toque, gosto ou cheiro. Em contrapartida, nessa relação virtual descrita em Her, não há um valor humano de juízo, não há julgamento. Samantha, assim, tenta se construir enquanto humano, até o momento que é lembrada por Theodore que ela não é e tampouco poderá ser humano.

É interessante observar ainda que o próprio Theodore é também, por excelência, a representação dessa solidão da qual tanto se fala, mas não se evita, das sociedades modernas. Um escritor que, já não consegue mais escrever a punho, o que já descaracteriza e reduz sua condição a uma máquina. E essa é umas das principais características das sociedades modernas, pessoas são substituídas e reduzidas a máquinas, números ou imagens. Posto isso, não nos surpreende o fato de que Theodore seja visto constantemente com fones no ouvido, cuja distração ou imersão o inviabiliza interagir com as pessoas ao seu redor, tal como ocorre hoje, o homem se transformou em refém da tecnologia. A mesma tecnologia que foi criada por ele, agora tem o poder de aprisiona-lo a uma realidade contraditória e não resolvida.

Convém destacar ainda que as descobertas científicas atreladas as invenções tecnológicas com que estamos sendo confrontados, denominada por muitos enquanto revolução digital, têm sido motivo de muitas discussões no sentido de se afirmar que as sociedades humanas estão entrando em uma nova era, chamada de pós-humanismo.

O pós-humano, à luz das assertivas de Lúcia Santaella (2003: p.191), certamente vai de encontro com as reverberações sobre a relação estabelecida entre máquina e humano, sobretudo quando a interface em questão diz respeito ao fato de que o homem hoje é a representação simbólica de um entrecruzamento entre vida biológica e vida artificial. Esses mecanismos não mais se sobrepõem como outrora, mas suas fronteiras se encontram e se fundem a ponto de questionarmos quem ou o que é natural ou artificial. Um bom exemplo desse entrecruzamento, consiste em pensarmos sobre as funções vitais dos órgãos humanos que são hoje replicáveis, do mesmo modo que muitas máquinas adquiriram e adquirem qualidades e comportamentos humanos, tal como ocorre em Her, Samantha, um sistema operacional, é de forma simbólica carnalizada à condição humana a ponto de fazer Theodore enxerga-la enquanto verdade, a versão perfeita de uma mulher ideal e capaz de preencher o seu vazio existencial.

Importa destacar ainda que para além de Her existem inúmeras outras produções fílmicas em que ciborgs têm aparecido repetidamente. Uma dessas produções que ganhou bastante notoriedade foi Ciborg é Robocop de Paul Verhoeven (1987), em que podemos acompanhar a transformação de um soldado quase morto em ciborg, no qual em seu cérebro foi implantado um chip programável. Nesse contexto, Robocop vem representar uma alegoria da consciência protética, uma vez que sua consciência estava dividida entre uma memória artificial, mas que foi um dia inteiramente humana. Logo, estamos aqui diante de mais um entrecruzamento de fronteiras, tão fortemente discutido ao longo deste trabalho.

Bauman (2001, p.45)) nos diz que as novas tecnologias, na primeira impressão, podem parecer fortalecer e manter vínculos, entretanto essas plataformas e

ferramentas de interação virtual, afastam os sujeitos da relação face a face. Logo, "No mundo líquido-moderno, a solidez das coisa, assim como a solidez dos vínculos humanos, é vista como uma ameaça." (BAUMAN, 2010, p.40) Conforme o autor, a modernidade nos projeta para uma existência paradoxal, pois a mesma sociedade que, em certa medida, solidifica as coisas, possibilita a criação e a inovação, é a mesma sociedade que estabelece a solidão dos seres. O consumo artificial fragilizou as relações humanas, caracterizando aquilo que Bauman (2010), vem chamar de sociedade líquida, em que as relações humanas se fazem e se desfazem com a mesma velocidade. Nada é feito para durar. O autor ainda complementa "(...) A modernidade fluída é a época do desengajamento, da fuga fácil e da perseguição inútil. Na modernidade líquida mandam os mais escapadiços, os que são livres para se mover de modo imperceptível" (BAUMAN, 2001, p.140)

Ainda de acordo com o autor supracitado, a modernidade líquida seria aquela que está sempre mudando, não sendo sólida e alicerçada, o que é bastante negativo, uma vez que essa sociedade líquida que agora se instaurou, é insensível e desordenada sendo o que mais importa nela: o capital. A indústria, por sua vez, domina tudo aquilo que está ao seu alcance, e, sobretudo, as próprias pessoas. Posto isso, possuímos hoje uma comodidade infinita em usarmos aplicativos, por exemplo, que tratam os seres viventes como sendo produtos de mercado, identificados por etiquetas, preços e data de validade. Sendo assim, de que importa durar? O cerne desta pergunta reverbera toda a razão de ser das sociedades líquidas.

Como vemos, o homem hoje é influenciado também por modelos de dispositivos utópicos que pregam um ideal de liberdade, entretanto essa vida desengajada, revela-se instável, flutuante e incerta, pois não existe essência, um núcleo interior, tal como acontecia com o sujeito do Iluminismo, por exemplo, cuja identidade era estável. O sujeito hoje possui maior liberdade de movimento, de ser e vir a ser. No entanto, se ele pode ser tudo o que quiser, o que de fato será? Estamos aqui diante de uma outra problemática, pois toda liberdade sem precedentes, gera uma ansiedade sem precedentes. O sujeito é hoje livre, mas o excesso de liberdade é também uma forma de aprisionamento, pois nunca na história se ouviu falar em uma sociedade que reclama tanto da solidão como a nossa. Estamos cheios de informação e de tecnologia, mas vazios de relações significativas.

Posto isso, as relações humanas hoje são mediadas por máquinas. Assim, ao aproximarmos a máquina do ser humano, não somente os limites da expansão tecnológica está em jogo, mas para além desse fato, convém questionarmos como o homem vem transformando sua própria natureza social e comportamental, cuja consequência dessa dialética instaurada entre homem e máquina é uma constante confusão de fronteiras, pois nem sempre fica claro quem está interagindo do outro lado, se é uma máquina ou não. Essa confusão de fronteiras fica evidente na cena em que Theodore, isolado em uma cabana na montanha, dialoga virtualmente com Samantha, legitimando essa dependência do homem com a tecnologia e a busca pela fuga da realidade. O fato de Theodore isolar-se geograficamente revela também a sua tentativa de investir naquela relação. Entretanto, ainda que o ambiente seja aconchegante, essa cena não deixa de provocar estranhamento no espectador, uma vez que ouvimos a voz de Samantha e Theodore, mas este último, dança, come, bebe e dorme sozinho. Há a ausência de uma pessoa real. A relação de Theodore é distanciada

pelo espaço da virtualidade, inviabilizando o toque, as sensações palpáveis. Nesse momento, Jonze apresenta ao espectador a representação das relações humanas hoje, fria e indiferente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das discussões aqui elencadas, Her nos convida a pensar sobre inúmeras questões relevantes que reverberam as sociedades modernas, dentre elas podemos citar: Qual o custo psicossocial da separação da materialidade das relações? De que maneira o distanciamento do outro é responsável pela onda de intolerância na qual vivemos hoje e como essa intolerância se mostra em nossa intimidade, fazendo com que muitas vezes abandonemos relações desafiadoras? Não responderemos às questões propostas, mas elas foram aqui colocadas a fim de que possamos pensar sobre os caminhos que estamos sendo conduzidos em termos de relações humanas.

O diálogo hoje é intermediado pela tecnologia, pela imaterialidade. Assim, o filme termina com Theodore subindo a escada e vendo o mundo com uma pessoa do lado, longe de qualquer tipo de tecnologia. A partir dessa imagem, nos questionamos a ponto de pensarmos se de fato existe um mundo que está amanhecendo, um mundo novo e "eu" tenho possibilidades. Existe de fato essa possibilidade?

O filme é exageradamente focado na solidão de Theodore, cuja intenção é questionar como verdadeiramente sozinho estamos quando falamos de solidão. Umas das grandes lições da produção fílmica aqui refletida é apresentar o fato de que a solidão é algo compartilhado por todos nós.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, G. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Tradutor Vinicius Nícastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.

BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. (Trad. P. Dentzien). Rio de Janeiro: Jorge Zohar, 2001.

CODATO, H. *O corpo e a voz no cinema contemporâneo:* reflexões sobre o filme *Ela* (*Her,* 2013), de Spike Jonze. Significação v.43, 2016.

FREUD. S. (1930). *O mal-estar na civilização.* Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FIORUCI, R. Wellington. *O Ser, a máquina e a solidão-Her,* de Spike Jonze. Revista de Estudos de identidade e intermedialidade, 2019.

SANTAELLA, Lúcia. *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura* / Lucia Santaella; Coordenação Valdir José de Castro. – São Paulo: Paulus 2003.